VI CONBALF
ALFABETIZAÇÃO E DEMOCRACIA: DIREITO À LEITURA E À ESCRITA

CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

O CADERNO DA REALIDADE COMO APROPRIAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

Karine Maria Heidemann KMH
Daniela Dias dos Anjos DDA
8- Alfabetização e modos de aprender e de ensinar;

Resumo: O estudo apresentado é um recorte da pesquisa de doutorado em andamento, que tem por objetivo é compreender o uso do Caderno da Realidade como instrumento da Pedagogia da Alternância na apropriação da leitura e da escrita de crianças de um 2º do ensino fundamental em uma escola rural da região metropolitana de Campinas/SP. Proveniente da experiência da pesquisadora, enquanto professora em sua jornada em instituições rurais do município em questão, denotando uma escola desterritorializada da vida social e coletiva dos sujeitos, buscou fomentar uma articulação entre os contextos reais e os escolares dos indivíduos. Destarte, traremos nesse momento uma das observações participativas, de cunho qualitativa, ancorado na matriz histórico-cultural e pautado em análises microgenéticas. Com clareza que nosso objetivo para este momento é a relação entre alfabetização como processo discursivo e o caderno da realidade como instrumento de apropriação da leitura e da escrita no 2º do ensino fundamental de uma escola rural.

Palavras-chaves: Alfabetização; Caderno da Realidade; Perspectiva Enunciativa-Discursiva

Introdução

Este trabalho integra uma pesquisa de doutoramento em andamento, que tem por objetivo compreender o uso do Caderno da Realidade, instrumento da Pedagogia da Alternância, na apropriação da leitura e da escrita de crianças de um 2º do ensino fundamental em uma escola rural da região metropolitana de Campinas/SP. Este estudo emerge de uma carência da pesquisadora, enquanto docente de desvelar os conflitos vivenciados diariamente, em seu campo de trabalho na educação do campo.

Nesse sentido, fomentou-se a necessidade de buscar caminhos para novas propostas metodológicas no que perpassa, em especial a alfabetização dos alunos inseridos no processo de ensino e aprendizagem dessas escolas localizadas nas regiões rurais da cidade.

Para esse processo far-se-á uso do instrumento pedagógico Caderno da Realidade, pertencente a Pedagogia da Alternância, metodologia essa que tem por objetivo a busca pela interação entre o estudante que vive no campo e a realidade que ele vivencia em seu cotidiano, de forma promover constante troca de conhecimentos entre seus ambientes de vida e o escolar. Segundo Gimonet :

> A Pedagogia da Alternância atribui grande importância à articulação entre momentos de atividade no meio socioprofissional do jovem e momentos de atividade escolar propriamente dita, nos quais se focaliza o conhecimento acumulado, considerando sempre as experiências concretas dos educandos. Por isso, além das disciplinas escolares básicas, a educação nesse contexto engloba temáticas relativas à vida associativa e comunitária, ao meio ambiente e à formação integral nos meios profissional, social, político e econômico (GIMONET, 1999, p. 33).

Sendo o Caderno da Realidade, um instrumento pedagógico que por sua essência é um produto da sistematização de conhecimentos formais e informais, por meio, de produções textuais corroborando assim para os processos de leitura e escrita dos sujeitos envolvidos no processo formativo a que se destina. Nas palavras de Moreira (1996) esses registros, são provenientes de textos que procuram sistematizar e organizar os conhecimentos escolares na forma de um modelo didático específico à realidade.

Nesse limiar o Caderno da Realidade está relacionado às condições de vida concreta e as relações sociais do sujeito. Podemos inferir que este será um instrumento a corroborar na apropriação da leitura e escrita de crianças em fase de alfabetização em escolas da zona rural. Destarte, para esse artigo traremos apenas um recorte da pesquisa em andamento, com o objetivo de compreender a relação entre alfabetização como processo discursivo e o caderno da realidade como instrumento de apropriação da leitura e da escrita no 2º do ensino fundamental de uma escola rural. Apresentaremos em primeiro nossa fundamentação teórica entrelaçando o processo discursivo ao instrumento do caderno da realidade, em posterior traremos os aspectos metodológicos da realização de nossa pesquisa, passando a apresentar algumas análises obtidas, por meio, dos resultados e discussões e por fim nossas considerações finais.

2. Significando a Alfabetização: Processo Discursivo e o Caderno da Realidade

Ao buscarmos as preposições de fundamentação teórica do processo de alfabetização como processo discursivo, encontramos em Smolka (2007), os seguintes dizeres:

> A questão era: ao conhecer e observar os meios/ modos das crianças se relacionarem com a escrita no contexto da sociedade letrada, o que fazer em sala de aula? E como esse “fazer” pedagógico - palavras, gestos, recursos etc. - poderia (trans)formar os modos de apropriação da forma escrita de linguagem pelas crianças, os modos de elas se constituírem leitoras/escritoras, ampliando e mobilizando seus modos de participação na cultura, na história. (pág. 25)

Na contramão de todos os discursos existentes na década de 80, Smolka revolucionou e se propôs a pensar uma perspectiva em que linguagem realmente fosse parte da produção humana, histórica, cultural e social, isto é para a pesquisadora o processo de alfabetização

era muito mais que um processo ou uma técnica, este implicava necessariamente como momentos discursivos, de interlocução e de interação.

Desvelando assim a necessidade por uma compreensão de um processo de alfabetização, no qual, os sujeitos compreendessem o porquê, o para quê, o como e o quando escrevem. Retomando o nosso objeto de estudo, é de total necessidade que alunos inseridos em realidades rurais, sejam permitidos a realizar produções sobre suas vivências locais e culturais, se assumindo como pertencentes àquele espaço social, da qual ocupam e produzem suas histórias.

Nas palavras da pesquisadora, a alfabetização ocorre necessariamente em momentos discursivos, uma vez que o processo de leitura e escrita são sucessões de momentos discursivos, ou seja, não são estáticos ocorrem em formas dinâmicas de interlocuções e interações entre os sujeitos.

Outrora, apresentamos o caderno da realidade, mesmo não sendo exatamente um instrumento para apropriação da linguagem é sem dúvida um ponto importante dentro da metodologia da alternância e seu fazer pedagógico. De acordo ainda, com Gimonet (1999), “esta é a razão de ser do caderno da realidade como livro a ser construído. Um livro de vida, rico em si mesmo de informações, análises e aprendizagem variadas” (p. 31 e 32)

Ao analisarmos o conceito a qual Gimonet nos apresenta sobre o caderno da realidade, podemos inferir que esse perpassa um viés social e histórico sobre a realidade da qual este está inserido, ou seja, o caderno a ser construído só tem potência se for vivenciado por aqueles que estão imbricados no processo de ensino e aprendizagem. Tais análises podem ser encontradas também nos documentos da UNEFAB (2010), de acordo com o mesmo, por meio, do caderno o sujeito é capaz de agir e realizar sua própria tomada de consciência em percepção a sua vida cotidiana retratando não só a si, mas como seu meio social, sua família, comunidade e escola, ou seja, o caderno da realidade se faz potente na relação entre o sujeito e outro, isto é, nas percepções individuais e coletivas.

Contribuições importantes são encontradas nos estudos Rocha (2003). A autora defende o instrumento como dialógico e formativo ao mesmo tempo que leva o aluno a um processo constante de ação e reflexão de sua própria realidade e ainda a uma tomada de consciência da mesma. No que tange o processo de alfabetização, o instrumento se torna um dispositivo no processo de apropriação da leitura e da escrita, uma forma de apropriação linguística inerente à realidade na qual as crianças participantes de nosso estudo se encontram. Buscando assim favorecer um ambiente propício a constituição e a apropriação da escrita e da oralidade como processo discursivo, na qual, de acordo com Goulart e Souza (2015) seja uma, “metodologia de alfabetização que valorize as falas das crianças e os seus saberes, por considerá-los legítimas expressões sociais, e que tome essas falas e esses

saberes como pontos de partida da prática pedagógica" (pág.9). Na medida que o trabalho com a alfabetização seja comprometido com a humanização do sujeito que enuncia, que discursa e que se apropria da linguagem, poderemos fazer uma educação pública e rural para os sujeitos que ali habitam!

3 Metodologia

Propomos para este presente estudo, romper as barreiras e as fronteiras do caos de um cotidiano pedagógico, isto é, entrar no âmago escolar para nos banhar de todos os momentos, passagens e ocorrências, para só assim podermos realizar o nosso caminho teórico metodológico, pautado em uma análise microgenética (Góes; 2000) na qual a investigação decorre sobre a constituição dos sujeitos em diferentes campos de pesquisa, por meio de uma aquisição detalhada dos dados da pesquisa.

De caráter minucioso e subjetivo e alinhado à matriz histórico-cultural de Vigotski, este é o método de nossa pesquisa. O método para a presente perspectiva é "ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo". (VIGOTSKI, p. 74, 1984) Com base nas ponderações realizadas entre a microgenética e a perspectiva histórico-cultural, podemos inferir que, por meio da dimensão semiótica se faz possível entender, compreender e analisar a micro-história dos sujeitos participantes, em seus aspectos sociais, culturais e sociais. Nesse sentido, fez-se necessário uma construção de dados detalhada, instrumentalizada por áudio-gravações, filmagens, diário de campo, narrativas e fotos das produções dos participantes.

Tecendo em minúcias, falaremos agora da escola, do nosso espaço ocupado durante a pesquisa, que para além de paredes, chão, carteiras, cadeiras, lousa e giz é um local vivo e subjetivo. Assim, a unidade escolhida para a pesquisa é como tantas outras fisicamente, mas com certeza se difere e muito subjetivamente, afinal estão cerceados de uma realidade característica social e cultural. Localizada em uma região rural de um município limítrofe à cidade de Campinas, atendendo crianças de 4 a 14 anos (infantil ao 9º ano do ensino fundamental), majoritariamente os filhos dos agricultores e de seus funcionários.

Nossa pesquisa foi realizada com uma turma do 2º ano., estudantes do período da manhã. Tínhamos conosco o propósito de realizar um trabalho que proporcionasse um olhar e uma escuta atenta para trazer as singularidades e as subjetividades dos participantes, de forma a apresentá-los como parte mais que integrante, diríamos essencial a essa pesquisa.

Para que esse processo fosse viável, ficamos na unidade escolar durante os meses de fevereiro a setembro, acompanhando todo o período em que as crianças permaneciam em aula. Neste período, participamos das atividades propostas pela professora, auxiliando sempre que necessário. E também tínhamos combinado previamente com a professora

momentos para realização de atividades com o caderno da realidade. Ao todo foram 120 horas entre observações, participações e propostas desenvolvidas. Nem sempre conseguimos registrar tudo, por meio de foto ou vídeo, mas tudo está gravado e transcrito e diário de campo.

Outro dado de extrema importância para esta pesquisa, pois sem este ela nem sequer existiria. São as crianças, sim os nossos protagonistas! Uma turma formada de sujeitos cheios de histórias e singularidades. Uma turma cheia de realidades diversas. Eram 7 meninas e 1 menino. Infelizmente, pelas adversidades da rotina escolar e até mesmo da própria pesquisadora, não foi possível conseguir dados de todos. Ressaltando que todos os alunos foram devidamente autorizados pelos pais ou responsáveis a participarem. Destes 8, apresentaremos 2 meninas, cujas atividades trazemos como foco neste trabalho:

1. Bela, uma menina de 8 anos e lindo sorriso no rosto e muito alegre, escolheu esse nome pois segundo ela é de uma personagem de novela que ela adora. Comunicativa e muito expressiva, moradora do bairro há muito tempo, sua casa fica ao lado da escola e sua mãe é prestadora de serviço na área da merenda na escola.
2. Renata, escolheu ser chamada pelo nome da irmã que também estuda na escola. Uma menina de 8 anos, de lindo sorriso, de humor sem igual e muito tagarela.

Feito uma breve caracterização de nosso espaço de pesquisa e dos participantes, apresentaremos abaixo uma análise preliminar dos dados produzidos na pesquisa.

4 Resultados e Discussão

Com o objetivo de apresentar o caderno da realidade como instrumento de apropriação da leitura e da escrita, traremos neste momento alguns resultados parciais de nossas análises. Escolhemos para esse momento atividades pedagógicas que acontecem em quase todas as salas de ensino básico. Quem estiver lendo, este texto e fizer um breve resgate em sua memória, com certeza irá lembrar de acontecimentos como esses: das longas e intermináveis redações denominadas “minhas férias”, cartinha no dia das mães ou dos pais, cartinha para o papai noel, reescrita de parlendas, trava-línguas, advinhas, escrita de receitas e demais produções sempre atreladas às datas comemorativas, ou seja, o eixo fundante do trabalho pedagógico não era apropriar-se da leitura e da escrita, e sim atender aos valores enraizados por uma sociedade midiática capitalista e consumista.

Por outro lado, ao irmos na contramão, concordamos com Saviani (1991), que a função social da escola é a transmissão do conhecimento científico sistematizado, isto é, dentro do

contexto escolar se faz necessário um trabalho sistematizado com algumas datas, no sentido, de realizar uma reflexão destas como acontecimentos históricos e culturais de nosso país.

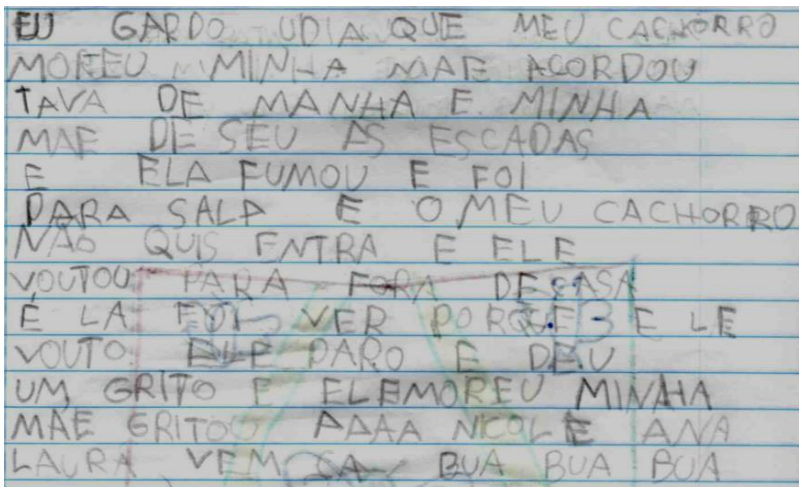
A escola e a turma que estávamos fazendo nossa pesquisa, não era diferente do cenário apresentado. Sempre que havia qualquer data comemorativa alguma produção era ofertada. Ressaltando, que estas datas das quais, estamos nos referindo são as de cunho midiático, e tais atividades nem sempre eram relacionadas a um saber histórico e cultural.

Trazemos para a análise duas atividades que envolviam a escrita que aconteceram no mesmo dia (29/07/22), uma desenvolvida pela professora, e outra pela pesquisadora.

A atividade proposta pela professora tematizava o folclore. Como sabemos, essa comemoração, para além de um festejo, é uma data que representa toda uma história da cultura de nosso país. A professora também propôs um exercício na lousa para que copiassem uma parlenda nos cadernos e posteriormente fizessem a reescrita da mesma. A solicitação desta proposta trouxe muitas dificuldades, por mais que as crianças já conhecessem o texto, reproduzir e tomar para si algo já escrito, não trouxe para estes alunos a função social da escrita e não os fez perceber o porquê e para quem se faz necessário escrever. Escrevemos para recriar ou recopiar? Destarte, notamos que os alunos tornaram isso como um momento de obrigação, e sentados em grupos, acabou que a atividade somente fora realizada e concluída com o auxílio da professora e da pesquisadora.

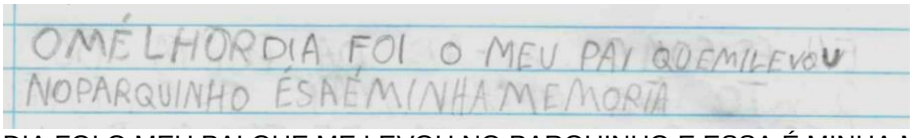
Após o intervalo, partimos para a realização de nossa proposta que já estava planejada com a professora. Tomamos como base a leitura de um livro chamado “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, para trabalharmos com o tema memória, buscando nas crianças a escrita de histórias perdidas e ou secretas. Caberia aos alunos escolherem de forma autônoma um acontecimento, um momento e ou uma experiência ocorrida, ao longo de suas trajetórias cotidianas para narrarem em seus cadernos da realidade.

Traremos abaixo a escrita das duas protagonistas apresentadas anteriormente,



EU GUARDO O DIA QUE MEU CACHORRO MORREU MINHA MÃE ACORDOU ESTAVA DE MANHÃ E MINHA MÃE DESCEU AS ESCADAS E ELA FUMOU E FOI PARA SALA E MEU CACHORRO NÃO QUIS ENTRAR E ELE VOLTOU PARA FORA DE CASA E ELA FOI LÁ VER POR QUE ELE VOLTOU ELA PAROU E DEU UM GRITO E ELE MORREU MINHA MÃE GRITOU AAAA NICOLE ANA LAURA VEM CÁ BUA BUA BUA

(BELA)



O MELHOR DIA FOI O MEU PAI QUE ME LEVOU NO PARQUINHO E ESSA É MINHA MEMÓRIA

(RENATA)

Contraditoriamente, tanto Bela como Renata não conseguiram realizar a atividade da professora de forma autônoma. Resgatando anotações no diário do campo, encontramos trechos que demonstraram o quanto a docente ficou inquieta e insatisfeita com o resultado da proposta, demonstrando, outrora, que se mostra desconfiada e satisfeita com a narrativa produzida, por meio, das memórias individuais de cada um.

Nossa proposta, era que através da imaginação despertada, por meio, da leitura e da roda da conversa as narrativas fossem produzidas, por meio, dos repertórios de vida de cada sujeito. Aqui, não tinha certo ou errado, não tinha modelo a recriar. O importante era escrever, o que fazia sentido a cada um, talvez o que fazia sentido a professora, não fazia sentido para os alunos. Escrever sobre parlendas, adivinhas ou receitas não é algo que os façam entender do para que e do por que escrever, mas no momento que eu descubro que posso me escrever e me revelar pela escrita para alguém, parece que as letras começam a ganhar mais sentido.

5 Considerações Finais

A questão da educação do campo coloca em evidência mais uma das muitas problemáticas enfrentadas em nosso atual cenário político. No sentido de buscarmos tecer algumas reflexões buscamos em Paulo Freire (2007) o conceito de educação libertadora e o sujeito real, trabalhar com a realidade de cada aluno. Em suas palavras, “a educação é em uma ação cultural, processo responsável pela humanização dos sujeitos, oprimidos e opressores, por isso não pode estar desvinculada da realidade dos seus sujeitos, tendo como fundamental tarefa “possibilitar a estas a compreensão crítica da realidade” (FREIRE, 2007, p. 95).

Neste sentido, defendemos que as crianças tenham mais que uma alfabetização mecânica e técnica, nosso objetivo de pesquisa, busca fomentar uma concepção de alfabetização que ultrapasse os muros da escola e se vincule a realidade social, histórica, e cultural dos alunos.

Referências

GOULART, Cecília e SOUZA, Marta Lima de (Orgs.). **Como alfabetizar?** Na roda com professoras dos anos iniciais. São Paulo: Papirus, 2015.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos Cedes**, ano XX, nº 50, Abril/00. Disponível em https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3HgqZgZCCZHZD85MvqSNWtn/?lang=pt . Acesso em 03 de novembro de 2022.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para Liberdade:** e outros escritos – 12ª ed.– Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GIMONET, J. C. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as Casas Familiares Rurais de Educação e Orientação. In: Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância: Alternância e Desenvolvimento, 1., 1999. **Anais**.. Salvador: UNEFAB, 1999, p. 39-48.

MOREIRA, Flávio; BEGNAMI, João Batista. Os Fundamentos da Pedagogia da Alternância. Piúma – ES: EFES, 1996. **Monografia do Curso de Especialização Lato Sensu.** Universidade Federal do Espírito Santo. MEPES: Piúma - ES, 1996.

ROCHA, I. X. de Oliveira. Uma reflexão sobre a formação integral nas EFAS contributos do Caderno da Realidade nesse processo: Na EFA de Riacho de Santana - Bahia. **Tese (Doutorado)** Universidade Nova de Lisboa. Portugal, 2003.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica.** Sobre a natureza e especificidade da educação. São Paulo: Cortez. Autores Associados, 1991.

SMOLKA, A.L.B. **A criança na fase inicial da escrita:** a alfabetização como processo discursivo. 13. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

VYGOTSKY, L.S. **Formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.